

## Ação comunitária transforma seringueiro em fotógrafo: 'Não sabia o que era uma câmera'

Projeto da Serra do Mar, em Cubatão, capacita moradores por meio de cursos de produção audiovisual nas Cotas.

Por Isabela Madeira, Leticia Gomes e Yasmin Vilar\*

27/04/2019 10h37 - Atualizado há 3 dias



Expedito Silva foi convidado a participar do projeto: nova profissão aos 60 anos — Foto: Celina Silva/Divulgação

A paixão pela fotografia só surgiu para o ex-seringueiro Expedito Silva depois dos 60 anos. “Nem sabia direito o que era uma câmera fotográfica”, admite. Mas foi por trás das lentes que o aposentado conheceu uma nova profissão. As portas para essa nova qualificação foram abertas pelo Com Com, um projeto de comunicação comunitária desenvolvido nos Bairros Cota, em Cubatão (SP).



“Nasci em uma cidade pequenininha, com 4 mil habitantes. Lá, não tinha vida para ninguém. Então, me mudei. Fui seringueiro e, quando vim trabalhar nas indústrias (Cubatão), fui mecânico”, conta Expedito. Ele se aposentou e continuou em Cubatão, onde surgiu a oportunidade de participar do projeto.

Os idealizadores do projeto procuravam alguém que morasse no bairro há muitos anos e oferecessem ajuda a Expedito Silva, em uma das visitas nas Cotas. Ele lembra que, depois do primeiro contato, surgiu o convite para entrar no Com Com, mesmo explicando que “não conhecia nada”.

Com o tempo, ele aprendeu as técnicas de filmagem e fotografia, junto com os fotógrafos do projeto. “No começo eu tirava 300 fotografias para salvar 50. Errava, cortava o pescoço das pessoas nas fotos”, brinca Expedito. Hoje, ele é um dos responsáveis pelas fotos do Com Com, onde está há nove anos. A mudança de profissão não foi uma dificuldade para o ex-seringueiro e mecânico, que tem orgulho de sua trajetória e fica feliz por ter se reinventado.

Além de descobrir a paixão pela fotografia, ele pode mostrar os bairros Cotas, que o abrigaram desde sua chegada. “Nosso bairro era esquecido. Poder mostrar nas redes como ele realmente é me traz muita satisfação”. Durante os nove anos de projeto, o melhor momento foi ver sua história retratada em um livro que fala sobre os moradores.

A oportunidade de desenvolver uma iniciativa social permitiu que os moradores das Cotas entrassem para o mundo da informação. Com câmeras e microfones, os alunos do Com Com aprenderam que a arte de se comunicar é também um modo de geração de renda.



Expedito Silva, morador que retrata o cotidiano dos Bairros Cota — Foto: Expedito Silva/Divulgação

## Projeto

O projeto começou em 2008, quando a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU) implementou o programa Serra do Mar, processo de urbanização que retira famílias de áreas de risco dos bairros Cota e Fabril. O Com Com é um dos cinco projetos comunitários criados para aproximar a população de todas as mudanças que ocorrem no local.

“A principal dificuldade foi entender a comunicação como uma forma de participação nas iniciativas”, explica o coordenador, Rodrigo Montaldi. Ele acredita que, além de ajudar no entendimento do processo de urbanização, o projeto trouxe perspectivas novas para os moradores. “Praticamente ninguém que hoje está no ComCom era da área audiovisual. Hoje, trabalham com isso, seja dentro do projeto ou com iniciativas pessoais”, relata.

O coordenador explica que a manutenção do projeto acontece por uma verba liberada pela CDHU. Mas, com o fim do processo de urbanização, a empresa ligada ao Governo Estadual vai deixar a região. Por isso, diz Montaldi, existe a necessidade do Com Com ser independente. Esse pensamento levou à criação da ONG Imaginacom, responsável jurídica pelos projetos que acontecem no bairro. Ela é que vai administrar e manter as iniciativas.

A fotógrafa Celina Silva, de 40 anos, conheceu o Com Com após acompanhar uma amiga em uma das oficinas. “Ela ficou apenas um mês, enquanto eu estou há dez anos”, diz. No projeto, ela atua na produção gráfica, e também na orientação e supervisão do conteúdo televisivo. Fora das Cotas, Celina trabalha como fotodocumentarista e social media, habilidades que desenvolveu com as oficinas.

Antes disso, Celina era serralheira e soldadora. Ao mesmo tempo, mantinha um blog sobre seu bairro, Pinhal do Miranda, em Cubatão, e era representante de filmes, o que fez com que ela descobrisse o gosto por direção de fotografia. Celina explica que o projeto foi um “elemento determinante” para escolha da sua profissão, porque permitiu conhecimento e contato com profissionais da área, além de a ajudar a refletir por meio da comunicação.

Desde sua entrada, a fotógrafa se identificou com a filosofia no Com Com de atuação coletiva e liberdade de expressão. Após as formações nas oficinas, passou a ajudar em todas as áreas do projeto, e se graduou em Fotografia. Além do interesse pela educomunicação (a utilização das mídias na educação), Celina vai iniciar a uma especialização em Comunicação Social para contribuir com o projeto no programa televisivo “Comunidade em Ação”.

Ela explica que a iniciativa é procurada pela própria população. “Somos uma agência de comunicação, mas composta por pessoas qualificadas dentro da comunidade”. Fora da Serra do Mar, Celina passou a trabalhar com projetos variados de fotografia, além de trazer a educomunicação para escolas da rede municipal.



A fotógrafa Celina Silva, durante ensaio fotográfico — Foto: Divulgação/Com Com

## ‘Crias da casa’

A paixão pelo audiovisual corre nas veias da família de Amanda Aparecida, de 20 anos. A jovem fotógrafa conta que já é ‘cria da casa’, e que conheceu a iniciativa por meio do curso de radialista realizado pelo avô na comunidade. “Nos eventos que acompanhava meu avô, via os profissionais com câmeras, e foi aí que me identifiquei com a profissão”, conta.

Amanda começou com cursos de produção audiovisual básicos até chegar a um curso de fotografia profissional, onde passou a trabalhar com as câmeras em workshops e foi convidada para se tornar uma multiplicadora do Com Com. “Comecei no projeto aos 16 anos, e hoje atuo na fotografia, edição de vídeo e irei me tornar a coordenadora da Web TV do projeto”.

Fora das Cotas, Amanda é estudante de Cinema e criadora do projeto fotográfico Dorothea, que incentiva pessoas negras da comunidade a se tornarem modelos. Ela também produz ensaios e fotos de desfiles de moda.

Integrante do projeto de comunicação comunitária há sete anos, o sonoplasta Vitor Romão, de 18 anos, conta que ainda não conseguiu romper a ligação com a iniciativa. Morador do bairro Pinhal Miranda desde que nasceu, o jovem conheceu o Com Com por meio da divulgação dos cursos de audiovisual.

“Minha primeira matéria foi uma entrevista com o cantor Edi Rock, dos Racionais Mc’s. Foi a primeira vez que visitei São Paulo. Então, o projeto me proporcionou várias experiências novas”, relata.

Romão concilia o trabalho de operador logístico com a produção audiovisual. É nas horas vagas que faz trabalhos como DJ e fotógrafo em eventos, o que garante uma renda extra. “Entrei lá por causa dos cursos e hoje sou ex-aluno e multiplicador. Dedico parte do meu tempo à rádio, penso nas pautas, e cuido da live e da programação das rádios das Cotas e do Centro”, explica.

\*Sob supervisão de Alexandre Lopes.